

Médias cidades, grandes negócios E MUITOS PROBLEMAS

O boom econômico pegou os municípios de médio porte despreparados em termos de infraestrutura, serviços públicos e planejamento. Resultado: concentração de riqueza e mazelas urbanas e sociais bem conhecidas nas grandes metrópoles.

Pablo Nogueira ●

pablodiogo@reitoria.unesp.br

Adivinhe a qual cidade brasileira se refere a seguinte notícia: “Mesmo com todos os investimentos da Secretaria de Trânsito e Transportes, o tráfego na cidade continua caótico. Ao final deste ano, serão cerca de R\$ 15 milhões aplicados na tentativa de tornar o fluxo de veículos mais organizado. No entanto, o que mais se vê hoje na cidade são irregularidades e desrespeitos dos motoristas às leis de trânsito. (...) A velocidade do carro deixou de ser controlada pelo velocímetro e passou a ser ditada pelos ponteiros do relógio. Os motoristas são mal-educados e estressados”.

Poderia ser uma notícia de um jornal de uma grande metrópole como São Paulo,

Rio ou Brasília, mas saiu no *Correio de Uberlândia*, município de 600 mil habitantes, e reflete as transformações pelas quais estão passando hoje muitas das cidades médias do Brasil.

A entrada de grandes empresas nacionais ou estrangeiras, o crescimento populacional, o aumento do poder de consumo e a explosão da especulação imobiliária estão levando estas localidades a alcançar patamares inéditos de desenvolvimento econômico. Mas tais mudanças são acompanhadas de novos problemas, desafiando o discurso do senso comum que proclama as cidades médias como centros de prosperidade livres das mazelas sociais que acometem as grandes metrópoles.

Vista aérea de Uberlândia (MG), cidade média com 604 mil habitantes

Marília (SP)

Localizada a 430 km da cidade de São Paulo, Marília é conhecida como capital nacional do alimento. Metade dos empregados do setor industrial trabalha numa das 57 empresas da área e corresponde a quase 9% do total de funcionários do ramo alimentício no Estado de São Paulo. Os alimentos respondem por mais de 60% das exportações do município, sendo África, América Latina e Estados Unidos os principais destinos. Na foto ao lado, as instalações de um fabricante de biscoitos.



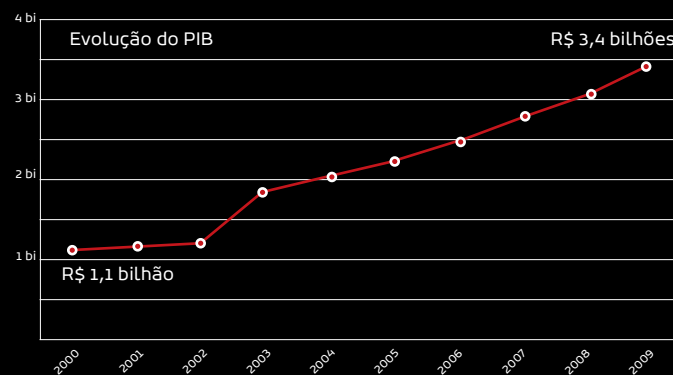
Correio Maniense

217 mil

habitantes. Entre 2000 e 2010 a população cresceu cerca de 10%

170%

foi o crescimento da renda *per capita* entre 2000 e 2009



Fonte: IBGE

Uberlândia (MG)

Uberlândia é um dos principais centros geradores de renda de Minas Gerais, ficando atrás apenas de Belo Horizonte e de algumas cidades da região metropolitana da capital mineira. Distante 600 km de São Paulo e 450 km de Brasília, sua localização foi um dos fatores que contribuíram para que empreendedores locais transformassem a cidade no maior centro atacadista-distribuidor da América Latina. As empresas atacadistas da região distribuem produtos para mais de 200 mil pontos de venda em todo país. O Center Shopping (foto), erguido em 1992, ainda é o maior do Estado.



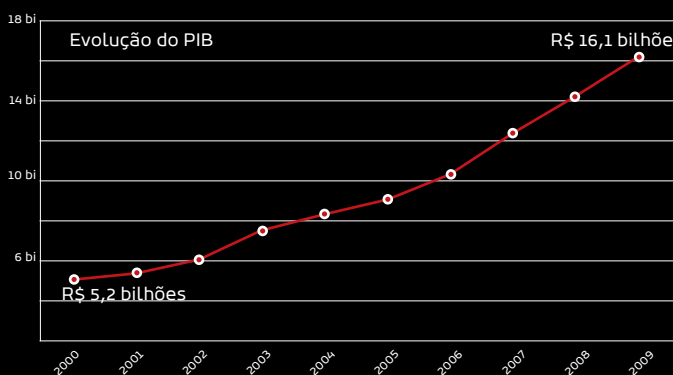
Wikimedia Commons

604 mil

habitantes. Entre 2000 e 2010 a população cresceu cerca de 20%

147%

foi o crescimento da renda *per capita* entre 2000 e 2009



Fonte: IBGE

Estas transformações estão sendo mapeadas e analisadas de forma crítica pela Rede de Pesquisadores em Cidades Médias (ReCiMe), criada em 2007 para desenvolver uma área que recebia pouca atenção por parte da academia brasileira. “A maior parte dos estudos sobre redes urbanas no Brasil teve seu foco nas metrópoles, e há bons motivos para isso, pois elas realmente são muito importantes”, afirma Maria Encarnação Beltrão Sposito, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp de Presidente Prudente, fundadora e coordenadora da ReCiMe.

Segundo Encarnação, antes as cidades médias eram analisadas com base em teorias e métodos desenvolvidos para estudar as cidades grandes. “É justamente isto que nós queremos romper”, explica a pesquisadora. “Cidades médias não são metrópoles menores. Há entre elas diferenças que não são apenas quantitativas, mas também qualitativas.”

O objetivo da rede é estudar diferentes localidades do Brasil e da América Latina seguindo uma mesma metodologia de pesquisa, de forma que os resultados possam ser comparados. As investigações já concluídas estão sendo publicadas em livro, na série intitulada *Cidades em transição*, da editora Expressão Popular. Já foram lançados dois volumes, um sobre Passo Fundo (RS) e Mossoró (RN) e outro sobre Tandil (Argentina) e Uberlândia (MG). O próximo tratará de Marília (SP) e Chillán (Chile).

Fenômeno nacional

Nos últimos anos, as cidades de médio porte cresceram a taxas acima da média nacional. Segundo o IBGE, de 2000 a 2010 a população brasileira aumentou 9,37%. Nos 11 municípios mais populosos do Brasil, a mesma taxa nesta década foi bem menor: 4,61%. Já nas cidades com número de habitantes entre 100 mil e 500 mil o crescimento populacional, no mesmo período, foi de 2,05% ao ano.

“Muitos migrantes estão preferindo se dirigir para cidades médias em vez das metrópoles”, explica Diana Mota, coordenadora de Política Urbana do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). “E o crescimento destes municípios não está

restrito a nenhuma região específica do país, é um fenômeno nacional”, completa. Um quarto da população brasileira vive atualmente em cidades médias.

Ainda mais chamativos são os dados econômicos. Entre 2002 e 2007, o PIB das cidades com população entre 100 e 500 mil moradores aumentou 5,36% ao ano. É um índice bem superior aos 3,32% registrados nos municípios com mais de 500 mil habitantes e aos 3,84% naqueles com menos de 100 mil.

Em algumas cidades médias o crescimento foi astronômico. Catalão (GO), por exemplo, cresceu 719% de 1999 a 2008. São Sebastião (SP) atingiu 928 % no mesmo período. Casos assim chamaram a atenção da mídia, e, nos últimos anos, a prosperidade desta fatia do Brasil urbano tem sido objeto de diversas reportagens, algumas muito entusiasmadas, veiculadas em jornais, revistas e programas de TV. Há bons motivos para que o progresso das cidades médias desperte tanto interesse aqui, visto que uma rede urbana complexa é algo recente na história brasileira, ainda que o fenômeno tenha raízes coloniais.

Na América Latina, as origens da urbanização remontam ao período pré-independência, quando se estabeleceram nas colônias centros de especial importância. A eles cabia responder às demandas da metrópole, na Europa, e desempenhar funções políticas e administrativas, tal como a arrecadação de impostos.

No Brasil, a história foi um pouco diferente. Certos elementos impediram a concentração demasiada de papéis numa única cidade. Aqui houve a transferência

da capital (de Salvador para o Rio) ainda no período colonial, e uma segunda (do Rio para Brasília), já na etapa republicana. Além disso, a imensa extensão do país tornava impraticável concentrar toda a gestão do território num só ponto.

Assim, surgiram cidades que atuavam como centros de referência para um determinado território, intermediando as relações entre localidades de menor porte e os principais centros urbanos, onde ficavam as sedes do poder político e econômico. Por desempenharem este papel intermediário, estas localidades são comumente chamadas de cidades médias, embora não haja ainda um conceito muito preciso para defini-las.

Destino das empresas

Quando o processo de industrialização do Brasil teve início, no século 20, manteve-se o padrão de concentração espacial nas grandes capitais. Basta ver o exemplo das companhias multinacionais dos ramos eletroeletrônico e automobilístico que, ao chegarem ao país na segunda metade do século passado, optaram por instalar-se na região metropolitana de São Paulo.

A estratégia das empresas era manter próximas as esferas de gestão e de produção (funcionários, máquinas, fábricas etc.). E havia mais um benefício: uma vez que São Paulo abrigava boa parte do mercado consumidor cobiçado, estabelecer-se nas suas redondezas reduzia substancialmente os custos de transporte.

Mas essa estratégia gradualmente enfrentou problemas. Com o aumento da demanda, o preço dos terrenos subiu, tornando mais caros os investimentos necessários para expansão do parque industrial. O crescimento da cidade também aumentou as distâncias a serem percorridas entre as residências e os locais de trabalho, e, conseqüentemente, o tempo gasto em deslocamentos e os custos de transporte. Para acompanhar o contínuo incremento do custo de vida, a mão de obra passou a exigir salários mais altos.

Nas últimas décadas, porém, o surgimento de novas tecnologias permitiu às grandes empresas repensar sua preferência pelas metrópoles.

“Muitos migrantes estão preferindo dirigir-se para as cidades médias em vez das metrópoles”, explica Diana Mota, do Ipea. “O crescimento desses municípios não está restrito a nenhuma região específica, é um fenômeno nacional”



A PREÇO DE OURO

Verticalização e especulação imobiliária crescente fizeram o preço de um terreno em Mossoró (RN) subir de R\$ 1.200 para R\$ 40 mil em apenas sete anos



CADA UM POR SI

Como alternativa ao transporte coletivo ruim, número de motos explodiu

João Prudente / Pulsar Imagens

Com o desenvolvimento no setor de transportes, a participação deste item na composição do preço final dos produtos caiu de 15% para 5%, nos últimos 50 anos. Por outro lado, a computação e as ferramentas de comunicação abriram caminhos distintos para as esferas da gestão e da produção, uma vez que esta última agora pode ser monitorada a distância.

Estas inovações tornaram não apenas tecnicamente possível, mas também financeiramente interessante, a busca de espaços no interior do país que permitissem a exploração de novos mercados e reduzissem os custos de produção.

Globalizando o interior

Paralelamente ao avanço tecnológico, a globalização tornou mais complexa a inserção do Brasil na economia mundial, abrindo novos mercados para os produtos feitos aqui e ao mesmo tempo atraindo capital estrangeiro de empresas interessadas em investir no país. "Estas cidades [médias] estão em processo de globalização", afirma Encarnação. "Queremos compreender quais as mudanças que estão ocorrendo a partir da chegada destes novos elementos."

A metodologia empregada pelos pesquisadores da ReCiMe procura caracterizar a atividade econômica das cidades

estudadas a partir de três áreas: a desconcentração espacial da produção industrial, a difusão do comércio e dos serviços especializados e o desenvolvimento do agronegócio. Uma quarta área procura avaliar os impactos das transformações da esfera produtiva sobre as desigualdades espaciais, a fim de avaliar os efeitos sobre a vida dos moradores.

Este olhar mais minucioso permite desmontar alguns dos estereótipos frequentemente reafirmados na imprensa. Um deles, por exemplo, é o de que o crescimento das cidades médias seria um processo iniciado recentemente.

"Muito antes da chegada das empresas multinacionais, Uberlândia já possuía uma classe empresarial dinâmica", explica Beatriz Soares, da Universidade Federal de Uberlândia, que é vice-coordenadora da ReCiMe e chefiou a pesquisa sobre a cidade, a maior do Triângulo Mineiro.

Grandes empresas locais como Arcom, União Comércio e Martins Comércio, algumas fundadas ainda nos anos 1950, especializaram-se nos setores de vendas por atacado e transporte de produtos, diz ela. Tinham a seu favor a estratégica localização da cidade, entre São Paulo e Brasília.

Hoje Uberlândia é um entreposto de vendas para todo o oeste do Brasil. As empresas locais operam em escala na-

cional, e muitas diversificaram as atividades. Em 1992, a Arcom ergueu o primeiro shopping da cidade, ainda hoje o maior do Estado. "Só depois começaram a ser construídos shoppings financiados por grupos estrangeiros", afirma Beatriz.

Algo parecido aconteceu em Marília, no interior de São Paulo, segundo Everaldo Melazzo, professor do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente no câmpus da Unesp em Presidente Prudente. "O capital da região já era dinâmico, empresas como a TAM e o Bradesco surgiram aí", diz.

A chegada das grandes empresas a Marília foi marcada por um efeito de continuidade, explica Melazzo, para quem os estudos da ReCiMe colocam em xeque boa parte da pesquisa feita na área, que dá ênfase a rupturas.

"Quando a Nestlé decidiu instalar-se em Marília, não optou por abrir uma nova unidade, mas por adquirir uma empresa que já existia e produzia em grande escala", detalha ele. "A mesma coisa aconteceu no comércio: os grupos que chegaram compraram os shoppings que já existiam, em vez de construir novos."

Outro resultado importante das pesquisas tem a ver com os efeitos do crescimento econômico sobre a qualidade de vida da população. Passo Fundo, no inte-

rior do Rio Grande do Sul, é um exemplo de cidade que tem se beneficiado com a explosão do agronegócio. É interessante notar que, depois que a soja se instalou na região, ainda nos anos 1960, a população do município que trabalha no campo só fez declinar, e hoje corresponde a um terço de 30 anos atrás.

Alta produtividade

Já o número de trabalhadores na área urbana cresceu quase 300%. Essa transformação só foi possível porque a implantação de uma agricultura de modelo agroindustrial, fortemente mecanizada e apoiada em modernas técnicas de plantio, tem permitido a um número menor de pessoas trabalhar no campo com altíssima produtividade.

O crescimento da produção agrícola, por sua vez, atraiu grandes indústrias de setores como armazenamento de grãos, biocombustíveis e máquinas, que empregam hoje 50% da mão de obra industrial do município. Algumas dessas empresas eram brasileiras, mas nos anos 1990 foram adquiridas por grupos estrangeiros, como os franceses Doux, de produção de frangos, e Kuhn, de maquinário agrícola.

Algumas características intrínsecas do agronegócio contribuem para restringir o acesso da população aos benefícios econômicos que estão sendo gerados, explica Oscar Sobarzo, pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenador da pesquisa em Passo Fundo. "O agronegócio é muito concentrador, tanto em termos de propriedade quanto de produção e de renda", afirma.

"Se você olhar apenas os indicadores econômicos, é claro que há crescimento. E é possível ver na região fortes sinais de dinamismo, como grandes feiras agrícolas onde se vendem equipamentos por milhões de reais. Mas isso não quer dizer necessariamente que esteja havendo maior bem-estar para a população."

Sobarzo cita como exemplo dessa disparidade social as 23 áreas de ocupação irregular que a cidade abriga, onde moradores vivem em condições de favelização. "É só dar uma volta pela periferia de Passo Fundo que o discurso de bem-estar proporcionado pelo agronegócio cai por

terra. Lá se veem muitas pessoas excluídas, morando em condições precárias, sem trabalho e acesso aos serviços públicos. Para a população que vive naquelas condições, as grandes cifras que estão sendo geradas não significam muito", analisa.

A concentração dos benefícios econômicos não é uma particularidade do agronegócio. Em Marília, onde prevalece a indústria de alimentos, os 20% mais ricos se apropriam de 61,35% da riqueza gerada no município. Este índice é maior do que a média do Estado de São Paulo, que é de 56,79%. Já os 60% mais pobres ficam com 20,8% da riqueza, o que é um total inferior à média estadual, de 23,81%.

"Resultados semelhantes já foram observados em outras cidades paulistas de médio porte", observa Melazzo. "Nelas, a capacidade de produzir riqueza é sempre maior do que a média do Estado, mas a distribuição da riqueza é mais concentrada."

Da mesma forma, as habitações precárias que chamaram a atenção de Sobarzo não são exclusividade de Passo Fundo. Dos cerca de 100 mil moradores de Uberlândia classificados como pobres, a maioria vive na periferia, e 73,36% deles sobrevivem com renda mensal de até dois salários mínimos.

Não é de admirar que a cidade mineira tenha pelo menos 54 ocupações irregulares. O déficit habitacional de Uberlândia é estimado em 10.400 unidades, e o número de domicílios vagos supera os 20 mil. Ou seja, haveria moradias disponíveis em número suficiente para, pelo menos, reduzir o problema que aflige os mais pobres. Mas não há mecanismos para implementar o acesso a elas.

Características **intrínsecas** do **agronegócio** contribuem para restringir o **acesso** a seus **benefícios econômicos**. "É uma atividade muito **concentradora**, em termos de **propriedade, produção e renda**", diz Oscar Sobarzo, da UFRGS, coordenador da pesquisa em **Passo Fundo**

Cidades de Cuba, Argentina e Chile também estão na mira dos pesquisadores

Criada em 2007, a Rede de Pesquisadores de Cidades Médias (ReCiMe) foi uma iniciativa de Maria Encarnação Beltrão Sposito, da Unesp em Presidente Prudente.

Com mestrado, doutorado e livre-docência no tema, ela orientava alunos de pós-graduação de diversas partes do país, mas sentia limitações, pois suas pesquisas se restringiam a São Paulo e Estados vizinhos. "A rede nasceu da minha vontade de comparar", diz ela. "Para que avancemos no conceito de cidade média, não se pode pesquisar apenas em solo paulista. E se for possível fazer comparações com outros países da América Latina, melhor ainda."

Para permitir comparações, os pesquisadores usam o mesmo método. O estudo já foi concluído em dez municípios, e mais seis estão em processo de finalização. Também estão em andamento análises de duas cidades cubanas. A rede é composta por cerca de 40 pesquisadores e 80 pós-graduandos, em 14 universidades de 11 Estados, além de uma instituição da Argentina e outra do Chile. Uma sede para a ReCiMe está sendo erguida no câmpus da Unesp em Presidente Prudente, com recursos da Finep.

Passo Fundo (RS)

Passo Fundo dista 300 km de Porto Alegre. Após a chegada da soja à região, nos anos 1960, iniciou-se o processo de modernização da produção agrícola, que se refletiu também no setor industrial. A segunda maior empresa da cidade, a Semeato, surgiu originalmente como oficina de tratores e hoje tornou-se uma fabricante de maquinário agrícola com representantes em cinco continentes. Na foto ao lado, uma empresa produtora de biodiesel.



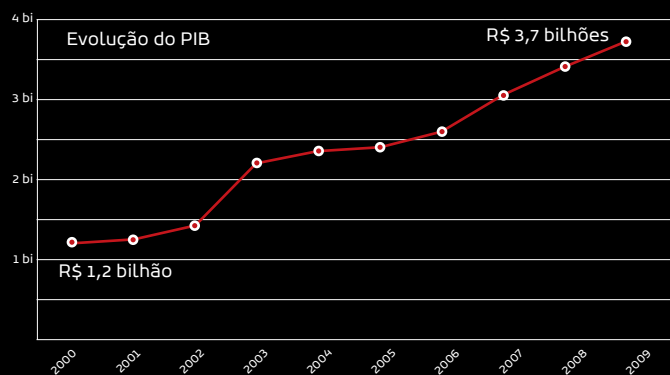
Deifim Martins / Pulsar Imagens

184 mil

habitantes. Em dez anos a população cresceu cerca de 10%

176%

foi o crescimento da renda *per capita* entre 2000 e 2009



Fonte: IBGE

Mossoró (RN)

Situada no noroeste do Rio Grande do Norte, Mossoró tem três atividades principais: a fruticultura, a produção de sal e a exploração de petróleo e gás natural. A cidade beneficiou-se da expansão do agronegócio pelo vale do rio Açu, que transformou a região num dos maiores produtores de banana no Brasil e no maior produtor de melão, responsável por mais de 90% do total de exportações desta fruta. O município ocupa o primeiro lugar na produção de petróleo em terra (foto) e o segundo em volume geral.



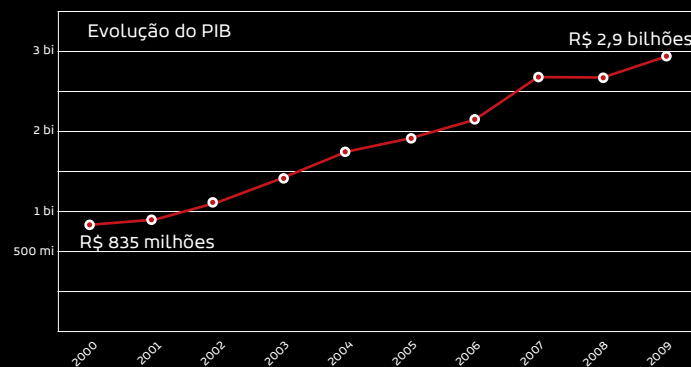
João Prudente / Pulsar Imagens

260 mil

habitantes. Em dez anos, a população da cidade cresceu cerca de 22%

207%

foi o crescimento da renda *per capita* entre 2000 e 2009



Fonte: IBGE

A dificuldade dos setores mais pobres da população em obter acesso à terra urbana foi um problema observado de norte a sul do país pelos pesquisadores da ReCiMe. Em muitas cidades médias, o crescimento econômico está gerando um aumento do preço das propriedades e dos gastos com habitação.

Especulação imobiliária

Cidades como Passo Fundo e Mossoró passam por um processo de verticalização de suas áreas centrais, turbinado pela ação dos empreendedores imobiliários. Nesta última, os pesquisadores registraram o caso de um terreno situado na região central da cidade, próximo a um shopping center local, comprado em 2001 por R\$ 1.200 e revendido sete anos depois por R\$ 40 mil.

Sem renda para cobrir essas despesas, os mais pobres se encaminham para a periferia, muitas vezes fora do perímetro urbano e, logo, mais distantes de hospitais, escolas, serviço de transporte etc. Várias cidades têm programas habitacionais para famílias de baixa renda, mas para manter as moradias a preços acessíveis elas só podem ser instaladas em lugares onde a terra seja barata. E as regiões onde isso ocorre são justamente aquelas mais distantes.

O deslocamento para a periferia tem trazido efeitos negativos para a qualidade de vida dos moradores, e não apenas para os mais pobres. Um dos mais visíveis aparece nas ruas.

Muitas vezes as periferias são mal atendidas pelo sistema de transporte coletivo, o que acaba levando os trabalhadores a demorar mais tempo para chegar ao trabalho. Buscando saídas individuais para o problema, eles costumam apelar para bicicletas e motocicletas.

“Todos os dias há um desfile de bicicletas através da via que dá acesso à região onde ficam as principais indústrias de Marília”, diz Melazzo. “E já há pesquisadores sustentando que a explosão no consumo de motocicletas que o Brasil vive é, na verdade, a afirmação da insuficiência dos nossos sistemas de transporte coletivo”, acrescenta o pesquisador.

Ocorre que o preço das passagens de ônibus é calculado em função da quan-

tidade de pessoas que usam o sistema. Se muita gente abandona o ônibus pela moto ou pela bicicleta – e também pelos carros – o valor das passagens sobe.

Isso gera um círculo vicioso, que contribui para que algumas cidades médias enfrentem hoje condições de trânsito muito complicadas, tais como as descritas pelo jornal de Uberlândia no início desta reportagem. “Com a diminuição do número de usuários do transporte coletivo, hoje estamos vendo cidades de 200 mil habitantes com engarrafamento. Isso é uma loucura”, comenta Encarnação.

Outro problema detectado pelos pesquisadores da ReCiMe é a diminuição da chamada equidade territorial entre os moradores. Há certos elementos que são compartilhados por todos os habitantes de uma cidade – é o que os especialistas chamam de meios de consumo coletivos. Eles podem ser de três tipos: infraestrutura (redes de esgoto, asfalto para ruas, viadutos), equipamentos (hospitais, escolas, parques) e serviços (limpeza urbana, transportes etc.). É comum que haja diferenças na distribuição desses meios. Por exemplo, uma região central pode ter seu lixo coletado todos os dias, enquanto um bairro de periferia só é atendido duas vezes por semana.

Apesar das diferenças de renda, nas cidades médias os mais pobres ainda podem ter mais qualidade de vida do que nas grandes metrópoles, explica Encarnação. O custo de vida é mais baixo, as distâncias até as zonas centrais são menores, e tudo isso resulta em mais equidade no acesso aos bens de consumo coletivos.

Apesar do aumento do PIB *per capita*, fatores como o aumento do preço da terra urbana e a concentração da riqueza estão levando os moradores mais pobres a se instalarem em regiões mais periféricas, intensificando a inequidade no acesso aos bens coletivos

“Mas ao ser levado a morar cada vez mais longe, o morador mais pobre tende a se instalar em áreas com menor oferta de equipamentos como hospitais ou escolas. E terá mais dificuldade para chegar às áreas centrais usando o transporte público. Nas cidades onde isso está ocorrendo, a equidade está diminuindo”, diz ela. Melazzo acrescenta que “o acesso à renda e ao emprego está reduzindo a desigualdade econômica, mas estamos aumentando a desigualdade socioespacial nas cidades médias brasileiras”.

Eleições municipais

Diana Mota, do Ipea, defende melhorias estruturais para esses municípios. “A infraestrutura das cidades médias não acompanhou o crescimento, especialmente em relação às redes de esgoto e de saneamento”, afirma. “Mas há outros problemas. É preciso evitar a favelização com programas de habitação de interesse social e melhorar a mobilidade urbana. Este é um ano de eleições municipais, mas também os Estados e a própria União deveriam ver aí um tema importante, e direcionar investimentos para solucioná-los”, afirma.

Visto pela perspectiva dos pesquisadores da ReCiMe, o enriquecimento econômico das cidades médias não está contribuindo para a melhoria da qualidade de vida de sua população como um todo. Encarnação faz uma comparação com a Europa para explicar o fenômeno. Quando as inovações produtivas trazidas pela globalização começaram a se impor na Europa, encontraram sociedades bastante avançadas no campo dos direitos sociais, explica ela.

Nos países europeus, os cidadãos já gozavam de benefícios como acesso universal à educação e à saúde e transporte público de qualidade.

“No Brasil, o crescimento da economia não está levando a uma melhora dos indicadores sociais na mesma proporção. A maior inserção na economia mundial ocorre num momento em que a desigualdade social do país ainda não foi relativizada. Muita gente fica de fora, não da sociedade de consumo, mas da participação no espaço devido à desigualdade, que em nosso país é avassaladora”, reflete a pesquisadora. UC